

---

## **Temas da vulnerabilidade social nas reportagens sobre emergência climática no Portal G1 entre janeiro e maio de 2023<sup>1</sup>**

Taís Schakofski BUSANELLO<sup>2</sup>

Cláudia Herte de MORAES<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

### **RESUMO**

Analisa as temáticas sobre vulnerabilidade social nas notícias do Portal G1 que tratam das mudanças climáticas, entre janeiro e maio de 2023, buscando compreender como um dos maiores veículos de comunicação do Brasil constrói o discurso sobre a emergência climática e seus desafios. A pesquisa tem abordagem qualitativa, de natureza aplicada, e utiliza como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e documental (MINAYO, 1994; GODOY, 1995). A técnica da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) foi realizada com uso do software NVivo, após categorização organizada de forma dedutiva, apoiada pela revisão bibliográfica. Como resultado, identificamos que o portal não utilizou raça, gênero, alimentação, educação, questão etária e saúde como temáticas relacionadas com a emergência climática.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo ambiental; Portal G1; emergência climática; vulnerabilidade social.

### **1. INTRODUÇÃO**

Mudanças climáticas são definidas pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC) como “transformações a longo prazo nos padrões de temperatura e clima”, são acentuadas pela grande emissão de gases principalmente devido à queima de combustíveis fósseis como carvão, petróleo e gás”.<sup>4</sup> Conforme a situação se agrava, cientistas alertam para a emergência climática, termo utilizado para definir a urgência de ações de enfrentamento ao problema (RIPPLE et al, 2019). A emergência climática é desafiadora, associada a um conjunto complexo de fenômenos interligados entre ambientais, sociais, econômicos e políticos.

Segundo Artaxo (2020), o grande impacto das ações humanas no planeta levam a sociedade científica a considerar uma nova era geológica, o Antropoceno,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo na UFSM/ FW, email: [tbusanello@gmail.com](mailto:tbusanello@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo na UFSM/ FW, email: [claudia.moraes@ufsm.br](mailto:claudia.moraes@ufsm.br)

<sup>4</sup> <https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-s%C3%A3o-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas>

---

caracterizada exatamente pela modificação realizada em grande escala nos sistemas ecológicos em escala global. Desta forma, torna-se fundamental o desenvolvimento da ciência “conciliando preservação do meio ambiente com desenvolvimento econômico e justiça social”. (ARTAXO, 2020, p.54).

Entre outras consequências, destacam-se os eventos climáticos extremos, que são cada vez mais frequentes<sup>5</sup>, gerando impactos na vida de toda a humanidade. Com este agravamento da crise ambiental, se tornam notícia a partir do valor notícia da notabilidade. Segundo Traquina, este aspecto é acionado pelo jornalismo que, via de regra, está mais interessado em abordar os aspectos notáveis do acontecimento do que sobre a problemática. (TRAQUINA, 2005, p. 82). Como efeitos dessa crise climática, as questões são complexas e amplas, como, por exemplo, aumentando as dificuldades relacionadas à “produção de alimentos, alteração em ciclo de chuvas, ciclones, incêndios generalizados, impactos na saúde humana e animal (...) e aumento do nível do mar.” (IPCC, 2021; 2022 apud MORAES, 2022, p. 678).

Salientamos que neste trabalho entendemos que a população vulnerável é a parte da sociedade mais atingida pelas consequências das mudanças climáticas. Assim, o problema da pesquisa questiona: de que forma a abordagem jornalística em relação à vulnerabilidade social aparece na cobertura dos temas do Portal G1? O objetivo é compreender quais as áreas temáticas sociais aparecem na cobertura do Portal G1 entre janeiro e maio de 2023. O portal G1 foi escolhido por ser um dos maiores do Brasil, figurando em segundo lugar em audiência e acessos no Ranking Comscore<sup>6</sup>. Deste modo, sendo um dos portais mais acessados, reflete diretamente na construção social da realidade, pois representa uma estrutura de poder. (BOURDIEU, 1998).

A seguir, no referencial teórico, abordamos a discussão sobre o papel do jornalismo ambiental para o enfrentamento da crise climática e seu entrelaçamento às questões da vulnerabilidade social e interseccionalidade. Na seção metodológica, destacamos os aspectos da organização analítica realizada, com base na técnica da

---

<sup>5</sup> Disponível em:

<<https://brasil.un.org/pt-br/139401-aquecimento-global-atinge-n%C3%ADveis-sem-precedentes-e-dispara-alerta-vermelho-para-humanidade>> Acesso em: 01 jul 2023

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.comscore.com/Insights/Rankings>> Acesso em: 08 jul 2023.

---

Análise de Conteúdo (AC). Na sequência, apresentamos os resultados e a discussão pertinente, na busca de possíveis respostas aos objetivos da pesquisa.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste estudo entendemos que o jornalismo ambiental é um meio de colaborar para a integridade ecológica, a qual depende da perspectiva interseccional, colocando luz em minorias sociais e vulneráveis, que pertencem aos grupos mais afetados pela crise climática. Para compreender a vulnerabilidade socioambiental utilizamos o conceito de Cartier, segundo o qual, trata-se de “uma coexistência ou sobreposição espacial entre grupos populacionais pobres, discriminados e com alta privação (vulnerabilidade social), que vivem ou circulam em áreas de risco ou de degradação ambiental (vulnerabilidade ambiental). (CARTIER et al, 2009, p. 2696).

Ao falarmos de jornalismo ambiental tratamos como um meio de obter sustentabilidade mediante integridade ecológica, justiça social e econômica, democracia, não-violência e paz. (COLOMBO, 2010, p. 4). Para Bueno (2007, p. 36), o jornalismo ambiental “deve propor-se política, social e culturalmente engajado”. Desse modo, ao noticiar acontecimentos relacionados ao meio ambiente ou crise climática, existe a necessidade de conectá-los com e as vulnerabilidades e as interseccionalidades sociais, a fim de aprofundar aspectos fundamentais para o leitor, especialmente quanto às causas e consequências de acontecimentos cotidianos.

Em geral, o jornalismo ambiental produzido por grupos hegemônicos não está suprimindo as relações interseccionais. Segundo Moraes (2016, p. 70), um dos problemas é que há pouca pluralidade, ou seja, “as diversidades aparecem raramente, o que compromete a visão liberal de igualdade no acesso à comunicação e à informação.” Moraes (2016) defende o jornalismo ambiental como uma prática que parte da ideia de sustentabilidade, valorizando a cultura e o meio ambiente da mesma forma que valoriza a economia e a política.

No discurso jornalístico, temos a confluência de poderes, circunstâncias e construções interativas que explicam porque as notícias são como são. Porém, o funcionamento da prática discursiva tem a potencialidade e a possibilidade de pensarmos porque as notícias não são diferentes, outras, plurais. Ao propor este

---

novo lugar para as notícias, vemos a contribuição essencial dos pressupostos do Jornalismo Ambiental, que pode ser resumida no firme compromisso com a cidadania e com o saber ambiental. (MORAES, 2016, p.200)

Ao abordar temáticas ambientais, o jornalismo deve ser socialmente engajado e utilizado para mobilizar a sociedade, visto que, o jornalismo ambiental surge do ativismo ecológico. (BELMONTE, 2017, p.120). Dessa forma, são necessárias “parcerias para fazer sentido e contribuir com alguma mudança social.”

Em vista disso, Belmonte (2017, p.120) afirma a realidade do jornalismo ambiental é múltipla, não existindo apenas uma forma de entendê-lo, pois, no jornalismo tradicional “a prática do jornalismo ambiental depende quase que exclusivamente da iniciativa e do empenho profissional de jornalistas que reconheçam a importância da luta socioambiental para a promoção da qualidade de vida planetária”.

A abordagem do jornalismo nos portais brasileiros sobre o tema climático indica aspectos ainda não tratados e que podem colaborar para o melhor entendimento sobre os desafios da emergência climática. Por exemplo, uma análise dos audiovisuais publicados nos portais brasileiros UOL, G1 e R7 no ano de 2019, sobre eventos climáticos extremos trouxe os principais aspectos do discurso que apontaram impacto ambiental, impacto humano e social; medo e preocupação; risco; alternativas; e impacto econômico. Além disso, os autores indicaram que houve um viés dramático, com enfoque ao desastre, com menor espaço para o debate sobre responsabilidades públicas. (LOPES et al, 2020a). Quando analisadas as temáticas combustíveis fósseis, geração de energia, crise da água, florestas e desmatamento, também com dados de 2019, indicou-se a necessidade da busca de pluralidade e de soluções que tragam o tema mais em contato com as demandas cotidianas da população. (LOPES et al, 2020b).

Assim, há várias lacunas na cobertura sobre o tema nos portais de notícias e, neste trabalho, buscamos compreender sobre a necessidade da perspectiva interseccional no jornalismo. Para isso, utilizamos o conceito de Collins e Bilge (2021, p. 16), em que “a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente”, sendo, portanto, uma “forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas”.

---

Em levantamento bibliográfico sobre jornalismo climático dos anos de 2021 e 2022, buscou verificar sobre as questões ambientais e a Agenda 2030, e quando estas estavam associadas às desigualdades sociais e raciais, verificou-se que há uma brecha desta abordagem nos estudos. Ou seja, ao observar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que se relacionam aos temas sociais e de igualdade racial, de gênero e outras questões interseccionais, demonstrou-se a importância do jornalismo como aliado para realizar essa transição de um meio ambiente com mais igualdade e mais sustentabilidade. (FELIPPETTI et al., 2022). Desta forma, o jornalismo deve abordar de forma complexa a emergência climática, tratando da vulnerabilidade social e dos aspectos da interseccionalidade, bem como mais estudos devem ser propostos neste sentido.

Para cumprir com sua função social, o jornalismo ambiental deve, portanto, adotar a perspectiva interseccional, na medida em que os mais vulneráveis são os mais atingidos e/ou prejudicados pela crise climática. Com isso, Trói (2022, p. 4) afirma: “Basta olhar os recentes eventos severos envolvendo o clima para perceber quem foi a maioria a sofrer as consequências mais graves e aqui, mais uma vez, evidenciam-se os marcadores de classe, raça e gênero.”

### **3. METODOLOGIA**

Este artigo reflete sobre um ponto inicial de análise de uma pesquisa mais ampla, que visa analisar o enquadramento discursivo de reportagens brasileiras sobre a emergência climática em relação às vulnerabilidades e interseccionalidades. Buscando compreender as marcas discursivas presentes no jornalismo, a pesquisa se propõe a analisar os portais G1, R7 e Uol, entre 2020 e 2025.

Neste primeiro momento, a proposta é trazer uma análise temática para compreender quais são os assuntos pautados pelo G1, nos primeiros cinco meses de 2023. Desta forma, a presente pesquisa tem como objetivo identificar a presença da perspectiva interseccional nas reportagens sobre emergência climática publicadas pelo portal G1 entre 1º de janeiro de 2023 até 31 de maio deste mesmo ano.

---

A pesquisa tem abordagem qualitativa e documental, pois se estabelece como uma ferramenta muito importante para explorar temas complexos e diversificados com base em documentos disponíveis ao pesquisador (MINAYO, 1994), ou seja, se coloca de forma adequada para compreender a emergência climática e as temáticas relacionadas à vulnerabilidade social em suas abordagens jornalísticas.

As matérias jornalísticas são os documentos analisados. Conforme Godoy (1995), a pesquisa documental deve atentar a três aspectos fundamentais: “a escolha dos documentos, o acesso a eles e a sua análise” (p.23). Na pesquisa que relatamos, a escolha se deu pelas características do Portal G1, considerado um dos mais importantes meios de informação da população brasileira. Nesta hipótese, explorar seu conteúdo pode trazer informações relevantes para a compreensão do jornalismo ambiental e climático. Quanto ao acesso, a pesquisa se deu com análise das notícias de acesso livre, facilitando portanto sua catalogação e composição do *corpus*.

Por fim, a análise foi estabelecida de acordo com o objetivo da pesquisa, desta forma indicando a técnica da Análise de Conteúdo adequada para tal. Segundo Bardin (2011), Análise de Conteúdo é definido como:

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 47).

O *corpus* deste trabalho é composto por 24 reportagens. A busca foi realizada através de pesquisa avançada do Google, com os termos: *mudanças climáticas*, *aquecimento global* e *emergência climática*, cada expressão foi associada com os temas: *desigualdade social*, *desigualdade racial*, *desigualdade econômica*, *desigualdade de gênero*, *racismo ambiental*, *vulnerabilidades* e *desenvolvimento sustentável*. Coletamos reportagens do G1, do período entre janeiro e maio de 2023.

Classificamos como reportagem todas aquelas notícias que possuem duas ou mais fontes. A análise foi realizada com ajuda do software NVivo, em que as reportagens foram classificadas de acordo com sua temática, como demonstra o Quadro 1.

**Quadro 1: Protocolo de pesquisa e categorização**

Categoria	Descritivo
Água e saneamento	Escassez de água potável; aumento das inundações e do nível do mar, estiagens, secas.
Alimentação	Insegurança alimentar, mudança de hábitos, agropecuária.
Educação	Impactos e desafios na educação.
Etária	Impactos e riscos para jovens e idosos.
Gênero	Diferenciação de vulnerabilidades por gênero.
Moradia	Dificuldades em moradias seguras e saudáveis, migrações, eventos extremos.
Raça e etnia	Diferenciação de vulnerabilidades por raças e etnia, racismo ambiental.
Saúde	Impactos na saúde, aumento de zoonoses e doenças respiratórias.
Socioeconômico	Critérios socioeconômicos em causas e consequências das mudanças climáticas. Emissão de gases, fábricas e indústrias com queima de combustíveis fósseis, mineração, desmatamento, queimadas, emissões de transportes, produção de alimentos (fertilizantes, adubo, gado), poluição do solo, aquecimento de prédios, alto consumo de roupas, plásticos e eletrônicos.
Vulnerabilidade humana	Perdas e danos, dificuldades de adaptação, regiões vulneráveis, desequilíbrio sistêmico, aspectos de risco e perigo generalizado aos humanos.

Fonte: Moraes (2022, p. 686)

---

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas reportagens dos primeiros cinco meses de 2023, nenhuma abordou ou relacionou a temática ambiental com as descrições presentes nos códigos de saúde, educação, raça e etnia, gênero, alimentação e etária. Além disso, duas delas não se enquadram nas categorias referenciais, pois não abordam nenhum assunto definido em nossas temáticas, tratando sobre acontecimentos e decisões políticas que impactam o meio ambiente, sem indicar um tema em específico.

Duas reportagens se enquadram em mais de um código. Como exemplo da cobertura, destacamos a reportagem “Em 52 anos de monitoramento, Rio Branco registrou mais de 40 enchentes”<sup>7</sup> que faz relação entre as mudanças climáticas e enchentes, criando uma conexão entre a vulnerabilidade e a realidade de famílias desalojadas de Rio Branco (Acre). Assim, sendo codificada em *Vulnerabilidade Humana; Moradia e Água e Saneamento*.

Salientamos que os códigos *Vulnerabilidades e Moradia* também apareceram relacionados na reportagem “Estudo aponta Serra, no ES, entre as 10 cidades do país com aumento de ocupação em áreas de risco”<sup>8</sup>. Portanto, o assunto que mais aparece em reportagens ambientais do G1 é o *socioeconômico*, em 11 reportagens; seguido de *vulnerabilidade humana*, tema de sete reportagens; *moradia*, e *água e saneamento* são assunto de três matérias cada.

---

7

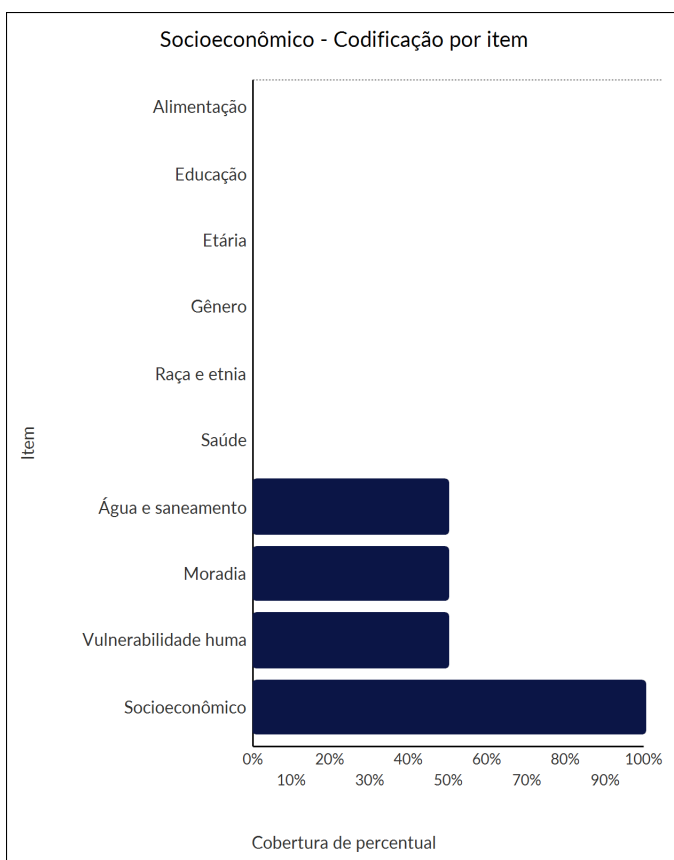
<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2023/04/01/em-52-anos-de-monitoramento-rio-branco-registrou-mais-de-40-enchentes.ghtml>

8

<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2023/01/17/serra-esta-entre-as-10-cidades-brasileiras-com-aumento-de-ocupacao-em-areas-de-risco-diz-estudo.ghtml>



Gráfico 1 - Temas interseccionais e de vulnerabilidade social



Fonte: Elaboração própria, gerada pelo software NVivo

Na maior parte das notícias analisadas, fatores socioeconômicos são o tema central, sendo abordado devido a perdas econômicas relacionadas com o excesso ou falta de chuva, investimentos em preservação ambiental e como as atividades econômicas afetam o clima. Portanto, uma cobertura focada em fatos de impacto imediato junto à população.

Do total das matérias, 47,82% abordam critérios socioeconômicos, abordando causas e consequências das mudanças climáticas. Ao analisar essas reportagens foi possível perceber a dificuldade de relacionar os acontecimentos diretamente com as mudanças climáticas.

Vulnerabilidade humana é um tema presente em sete reportagens, sendo central em diferentes pautas. Aparecendo predominantemente em reportagens que abordam localidades que sofrem ações mais severas das mudanças climáticas, a temática também aparece ao discutir o perigo generalizado em algumas regiões. No entanto, ao discorrer

---

sobre a população em vulnerabilidade essas reportagens não aprofundam sobre as fragilidades de populações de diferentes classes sociais, raça ou gênero diante aos eventos climáticos.

A temática moradia aparece em três reportagens, sendo estas pautas sobre dificuldades de moradias seguras. Água e saneamento são temáticas que também aparecem em três reportagens, abordando estiagem e escassez de água.

No tratamento dado às pautas pelo portal G1, em relação aos grupos sociais vulneráveis, investimentos em qualidade de vida e busca de igualdade, percebemos que raça, classe e gênero não foram abordados. Desta forma, é possível identificar que no período estudado, o G1 pautou os assuntos supracitados, no entanto, não aprofundou como cada acontecimento, neste caso, em tratar como os eventos climáticos extremos e as mudanças climáticas atingiram os diferentes grupos sociais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que no período estudado, temáticas importantes como raça e etnia, gênero, alimentação, educação, questão etária e saúde foram deixadas de lado na cobertura sobre emergência climática pelo Portal G1. Demonstramos que sobressai a problemática dos eventos climáticos extremos que é melhor desenvolvida, buscando trazer ao leitor a profundidade do assunto. No entanto, sem relacionar os acontecimentos extremos com impactos junto à população vulnerável, o portal não trata o fenômeno com a devida complexidade.

## REFERÊNCIAS

ARTAXO, P. As três emergências que nossa sociedade enfrenta: saúde, biodiversidade e mudanças climáticas. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 53–66, set. 2020.

AQUECIMENTO GLOBAL ATINGE NÍVEIS SEM PRECEDENTES E DISPARA "ALERTA VERMELHO" PARA A HUMANIDADE. Nações Unidas Brasil, 2021.

Disponível em: <

<https://brasil.un.org/pt-br/139401-aquecimento-global-atinge-n%C3%ADveis-sem-precedentes-e-dispara-alerta-vermelho-para-humanidade> > Acesso em: 10 jul 2023.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

---

BELMONTE, R. V. **Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro**. Revista

Brasileira de História da Mídia, v. 6, n. 2, p. 110-125, jul.-dez. 2017. Disponível em:

<https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 2.ed.

BUENO, W. C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, p. 33-44, 2007. Editora UFPR. [https://scholar.google.com.br/citations?view\\_op=view\\_citation&hl=pt-BR&user=80thVYoAAA&AJ&citation\\_for\\_view=80thVYoAAA&AJ:d1gkVwhDpl0C](https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=80thVYoAAA&AJ&citation_for_view=80thVYoAAA&AJ:d1gkVwhDpl0C)

CARTIER, R.; BARCELLOS, C.; HÜBNER, C.; PORTO, M.F. **Vulnerabilidade social e risco ambiental: uma abordagem metodológica para avaliação de injustiça ambiental**. Caderno de Saúde Pública, v. 25, n. 12, p. 2695-2704. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/53xmwW4nCBqMpwffTSWK5P/abstract/?lang=pt> > Acesso em: 07 ago 2023.

COLOMBO, M.E. **Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Intercom, 2010. p. 1-11. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-2674-1.pdf>

COLLINS, P.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

**EM 52 ANOS DE MONITORAMENTO, RIO BRANCO REGISTROU MAIS DE 40 ENCHENTES**. G1, 2023. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2023/04/01/em-52-anos-de-monitoramento-rio-branco-registrou-mais-de-40-enchentes.ghtml> > Acesso em 10 jul 2023.

**ESTUDO APONTA SERRA, NO ES, ENTRE AS 10 CIDADES DO PAÍS COM AUMENTO DE OCUPAÇÃO EM ÁREAS DE RISCO**. G1, 2023. Disponível em: <

<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2023/01/17/serra-esta-entre-as-10-cidades-brasileiras-com-aumento-de-ocupacao-em-areas-de-risco-diz-estudo.ghtml> > Acesso em: 10 jul 2023.

FELIPPETTI, N. S.; ROCHA, G. M.; MORAES, C. H. **Estudos sobre jornalismo climático com a perspectiva das desigualdades sociais**. In: ANAIS DO 12º ENCONTRO DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2022, Fortaleza. Anais eletrônicos [...] Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/jpior-series/jpior-2022/trabalhos/estudos-sobre-jornalismo-climatico-com-a-perspectiva-das-desigualdades-sociais?lang=pt-br> > Acesso em: 11 ago. 2023.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, p. 20-29, 1995. <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>

LOPES, B. J.; AMORIM, C.; MATIELO, J. D.; SILVA, L. H.; VILANOVA, Y.; MORAES, C.H. Eventos extremos no jornalismo: análise interdiscursiva dos vídeos dos portais UOL, G1 E R7. **Anais Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos

---

Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2020a.

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1054-1.pdf>

LOPES, B. J.; AMORIM, C.; MATIELO, J. D.; SILVA, L. H; VILANOVA, Y.; MORAES, C.H. Desafios da emergência climática: uma análise discursiva nos portais G1, R7 E UOL. **Anais SBPJor** – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 10º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR). 2020b.

<https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/jpjour2020/paper/viewFile/2819/1553>

MINAYO, M.C.S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, C. H. **Entre o clima e a economia: enquadramentos discursivos sobre a Rio+20 nas revistas brasileiras**. Bauru, SP: Canal 6, 2016.

MORAES, C. H. Cobertura sobre mudanças climáticas no Brasil: os direitos humanos como tópico da repercussão do IPCC-AR6. In: **Pensar el poder: derechos humanos y herramientas comunicativas**. Dykinson, 2022. p. 674-694.

**O QUE SÃO MUDANÇAS CLIMÁTICAS**. Nações Unidas Brasil. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-s%C3%A3o-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas>> Acesso em: 10 jul 2023.

RIPPLE, William J. et al. World scientists' warning of a climate emergency. **BioScience**, 2019.

**TOP 15 MULTI-PLATFORM PROPERTIES**. Comscore, 2023. Disponível em: <<https://www.comscore.com/Insights/Rankings>> Acesso em: 08 jul 2023.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo II**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRÓI, M. de. Raça, gênero e sexualidade no caldeirão da emergência climática: quando a arte e o ativismo engendram futuros. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 27, n. 1, 2022. <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/44953>.